

Representações cotidianas de jovens sobre a periferia

Everyday representations of young people about peripheral areas

Las representaciones cotidianas de jóvenes acerca de la periferia

Elda de Oliveira^I, Cassia Baldini Soares^I, Leandro Leonardo Batista^{II}

^I Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. São Paulo-SP, Brasil.

^{II} Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes,
Departamento de Relações Públicas Propaganda e Turismo. São Paulo-SP, Brasil.

Como citar este artigo:

Oliveira E, Soares CB, Batista LL. Everyday representations of young people about peripheral areas. Rev Bras Enferm [Internet]. 2016;69(6):1082-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0387>

Submissão: 13-07-2016

Aprovação: 22-08-2016

RESUMO

Objetivos: compreender as representações cotidianas de jovens sobre a periferia, com a finalidade de compor os temas para programas midiáticos de educação sobre drogas. **Método:** abordagem marxista, com pesquisa-ação emancipatória e participação em oficinas de 13 jovens de uma escola pública da periferia de São Paulo. **Resultados:** entre os jovens há representações cotidianas contraditórias sobre o papel do Estado, que, de um lado, se ausenta para os direitos sociais e se apresenta para exercer o controle social na periferia e, de outro, é colocado como o interlocutor privilegiado para a melhoria das condições de trabalho e vida. **Conclusão:** a pesquisa-ação discutiu centralmente temas que circulam na esfera dos direitos sociais, alvo de reivindicação dos jovens participantes. Nota-se que é preciso ampliar a discussão para além da esfera do direito à cidadania, que constitui apenas parte do debate sobre as desigualdades sociais inerentes à exploração capitalista e às transformações necessárias à igualdade. **Descritores:** Saúde Pública; Adolescente; Drogas Ilícitas; Comunicação em Saúde; Educação em Saúde.

ABSTRACT

Objectives: to understand everyday representations of young people about the peripheral areas, with the purpose of establishing topics to drug education media programs. **Method:** Marxist approach, with emancipatory action research and the participation in workshops of 13 youngsters from a public school of the peripheral area of São Paulo. **Results:** there are contradictory everyday representations about the State's role, which, on the one hand, does not guarantee social rights and exert social control over the peripheral areas and, on the other hand, is considered the privileged interlocutor for the improvement of life and work conditions. **Conclusion:** the action research discussed mainly topics related to social rights context, claim of the young participants. It is necessary to expand the discussion beyond the citizenship rights sphere, which is only part of the debate about social inequalities inherent in capitalist exploitation and the necessary transformations to build equality policies. **Descriptors:** Public Health; Teenager; Illicit Drugs; Health Communication; Health Education.

RESUMEN

Objetivo: entender las representaciones cotidianas de jóvenes acerca de la periferia con el fin de crear temas para programa educativos sobre drogas en los medios de comunicación. **Método:** enfoque marxista, investigación participativa y emancipadora en talleres de trece jóvenes de una escuela pública en la periferia de São Paulo. **Resultados:** los jóvenes mostraron representaciones cotidianas contradictorias sobre el papel del Estado, que, por un lado, está ausente en los derechos sociales, pero presente para ejercer control social en la periferia y, por otro, es el interlocutor privilegiado para mejorar las condiciones laborales y de vida. **Conclusión:** la investigación-acción planteó temas que son comunes en los derechos sociales, principal reivindicación de los jóvenes participantes. La discusión necesita ampliarse, ir más allá del derecho a la ciudadanía, que es una parte del debate acerca de las desigualdades sociales inherentes a la explotación capitalista y a los cambios necesarios a la igualdad. **Descriptor:** Salud Pública; Adolescente; Drogas Ilícitas; Comunicación en Salud; Educación en Salud.

AUTOR CORRESPONDENTE

Elda de Oliveira

E-mail: eldadeoliveira@gmail.com

INTRODUÇÃO

A educação sobre drogas veiculada pela mídia vem sendo elaborada por técnicos ou leigos, sem que se consultem os jovens⁽¹⁾. Para autores na área, as mensagens educativas devem levar em consideração as características socioeconômicas dos jovens e os contextos específicos que os cercam⁽²⁾, a fim de encontrar ressonância na realidade e, dessa forma, fazer sentido aos que se deseja alcançar⁽³⁾. Sabe-se que os jovens tendem a confiar nas mensagens que incorporam suas vozes, o que permitiria identidade com formas de sociabilidade e com o contexto social em que vivem⁽²⁾. Estudo de revisão aponta que as intervenções bem-sucedidas envolvem interatividade, ao menos no caso de programas para escolas de ensino médio, voltados às drogas ilícitas⁽⁴⁾. A identidade se amplia quando, por exemplo, se recorre às músicas da preferência dos jovens, reconhecidas como meios para a comunicação, de compartilhamento de ideias, conceitos, representações e valores⁽⁵⁾. A internet é destacada como meio importante para a educação sobre drogas, pois constitui instrumento de processos de interação⁽⁶⁾. Jovens das classes populares, no entanto, são muito mais expostos à mídia de massa⁽⁵⁾ do que à internet.

O objetivo desta investigação é compreender as representações cotidianas de jovens sobre a periferia, com a finalidade de compor os temas para programas midiáticos de educação sobre drogas, particularmente programas de rádio.

MÉTODO

Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP.

Referencial teórico-metodológico e tipo de estudo

Este estudo fundamenta-se no materialismo histórico e dialético, que advoga que a construção do conhecimento articula teoria e realidade social, considerando o momento histórico. Os conceitos utilizados na saúde coletiva, advindos desse referencial, permitem compreender o peso das desigualdades sociais sobre o processo saúde-doença, as forças que atuam sobre estas desigualdades e os caminhos possíveis para suas transformações⁽⁷⁾.

Trata-se de pesquisa qualitativa desenvolvida através da metodologia de pesquisa-ação, na perspectiva emancipatória (PAE). É um tipo de pesquisa que estimula a reflexão, bem como a tomada de posição a respeito do fenômeno de interesse. Como é dinâmica e participativa, desenvolvendo-se em diversos espaços de interação, essa modalidade de investigação envolve transformações nas práticas sociais dos participantes, que são sentidas e expostas durante todo o processo⁽⁸⁾.

Procedimentos metodológicos

Cenário do estudo

A pesquisa foi desenvolvida em escola pública de ensino fundamental e médio, na periferia da cidade de São Paulo (SP).

Fonte de dados

A média de participantes foi de 13 jovens do ensino médio interessados na temática, com idades entre 15 e 17 anos, sendo nove do sexo masculino.

Coleta e organização dos dados

A coleta concretizou-se através de 13 oficinas com duração de duas horas. Trata-se de técnica grupal de coleta de dados em investigações participativas, que permite expor as representações cotidianas, com elementos de opiniões e convicções provenientes de grupo com características homogêneas⁽⁹⁾.

A partir da discussão do tema central – educação sobre drogas pela mídia para jovens - foi possível sintetizar outros temas gerados no decorrer dos encontros. Do processo das oficinas, criaram-se diversos roteiros de programas de educação sobre drogas, direcionados aos jovens das periferias, a serem veiculados por rádio, principalmente, a comunitária. Os roteiros foram validados pelos jovens, quanto à forma e conteúdo. As etapas da pesquisa e respectivos desdobramentos estão pormenorizados em outro espaço⁽¹⁰⁾.

Análise dos dados

Os resultados foram analisados à luz das representações cotidianas. Dessa perspectiva, os discursos são analisados dialeticamente, considerando-se o lugar social dos participantes, as ideologias dominantes, os significados das palavras que compõem os discursos dos participantes, e analisando-se as contradições existentes⁽¹¹⁾.

As representações cotidianas não constituem mera descrição da realidade. Como categoria de análise permite desnaturalizar o conjunto de ideias que os sujeitos expressam a respeito de um determinado fenômeno. Trata-se de análise em que o pesquisador se vê diante da necessidade de compreender os mecanismos micro e macrosociais que se relacionam ao fenômeno, posicionando-se diante deles, o que é coerente com a perspectiva de ciência como meio político de investigação e de proposições de mudanças sociais⁽¹¹⁾.

As representações cotidianas, como formas de representar o mundo e reproduzir suas características, são um conjunto de ideias e concepções marcadas por processos de: simplificação, com os indivíduos dando respostas aos acontecimentos que os cercam com prontidão; naturalização, com a aceitação do dia a dia, sem refutação; e de regularização, com a repetição das ações, que torna as práticas cotidianas previsíveis⁽¹²⁾.

Entre as representações cotidianas existem aquelas que são contraditórias, na medida em que ao mesmo tempo trazem elementos verdadeiros e ilusórios sobre a realidade. As representações cotidianas de grupos explorados e oprimidos tendem a ser contraditórias, carregando elementos de afirmação e negação da sociedade. São importantes de serem captadas e compreendidas, pois mostram-se potencialidade na direção de melhor compreender a sociedade e tornar-se representações congruentes e mesmo complexas⁽¹²⁾.

RESULTADOS

O uso de “comunidade” para se referir às regiões periféricas e favelas foi discutido pelos jovens: o espaço urbano que

ocupam não seria considerado favela na sociedade em geral em função de suas construções simplificadas e da precariedade de infraestrutura urbana, mas em função de aglomerar famílias das “classes sociais baixas”; o bairro é considerado favela, local de ocupação desordenada, marcado por ausências, falhas e precarização dos serviços públicos. Os jovens consideram-se estereotipados e marginalizados porque são socialmente identificados como favelados. As representações cotidianas dos jovens são elaborações que refletem a realidade concreta de reprodução social do grupo social a que pertencem suas famílias e à realidade da periferia, e revelam suas convicções quanto à verdadeira essência do problema, ou seja, a condição de classe.

Não é comunidade não, é favela mesmo. Favela é quem vive. Favela somos nós. Você não vê barracos, você vê casa normal, mas o pessoal é que são a favela. Favela chique não tem barraco [...]. Essa é a nossa realidade: falta de água, falta de moradias, assaltos, brigas, não tem incentivo à leitura. Aqui, tem coisas que leva a gente para lugar errado [...]. Estamos relatando o dia-a-dia. Violência gera violência, não só em [nome do bairro]. Violência isso é sério, aqui ninguém gosta da polícia, há trocas de tiros. Os policiais entram dentro das nossas casas; invadindo, atirando. Isso é uma covardia. (Participantes da oficina 09)

As formas de segurança que conhecem são os policiais e os traficantes. Os policiais são os representantes do Estado e os abordam de forma violenta e desrespeitosa. Estão convictos de que os policiais não são confiáveis, de que os querem incriminar e agem com violência contra os moradores porque estes pertencem à “classe social baixa”. Para os jovens, a polícia não diferencia o espaço público do espaço privado: caso julgue que o jovem transporta drogas ou está envolvido com roubo, suas casas são invadidas. Como tendem a responder com violência também a essa interpelação, representam esse sistema como o “círculo da violência”. As representações cotidianas não denotam que se compreende a função mesma do Estado, como se o problema fosse a atitude distorcida do policial e não a tarefa da polícia na periferia. Quanto aos traficantes, embora os jovens julguem que eles têm poder de tomar decisões para a resolução de conflitos, também consideram que eles abusam do poder, não raramente impondo toque de recolher. Na opinião dos jovens, uma parte deles fica desprotegida, pois não faz parte do movimento (forma a que se referem à produção, distribuição e consumo de drogas). Os jovens têm opiniões contraditórias a respeito dos traficantes. Eles são confiáveis, mas abusam do poder, pois exploram a pobreza ao mesmo tempo que oferecem trabalho aos jovens da “classe social baixa”. Constituem representações cotidianas, que não superam a percepção naturalizada e repetitiva do cotidiano.

Os jovens propuseram uma espécie de normatização do território por referência ao consumo de drogas, que poderia ser aceito, se houvesse espaços específicos e livres para o uso; caso não haja esses espaços, então os jovens entendem haver desorganização, ou seja, uso inapropriado do espaço público e desrespeito para com o não consumidor. Se houver espaços específicos e livres para o consumo de drogas, ainda que em

partes públicas do espaço urbano, então haverá organização e respeito ao não consumidor. Estes espaços serviriam de proteção ao distribuidor/consumidor e aos moradores, contra as prováveis violências que cercam essa ambiência. Estas seriam representações cotidianas contraditórias, dado que de fato representam a realidade violenta nesse contexto, mas representam também influências ideológicas, no caso as provenientes da guerra às drogas, que mascara as causas dessa violência.

A discussão sobre a ideologia, que tem origem na guerra às drogas, buscou trazer à tona os problemas sociais que cercam o fenômeno do consumo de drogas. Quando se discutiram as condições de vida de consumidores de drogas, o olhar se deslocou da droga para a sociedade, que produz, faz circular e consome a droga, ou seja, a droga deixou de ser a responsável pelos problemas sociais dos jovens, vindo à tona, a partir do debate, as contradições do sistema capitalista e as diferenças entre as classes sociais.

Se compararmos este lugar com as outras vilas [do bairro], esta aqui é razoável [...]. Alguns talvez tenham outro pensamento. Lá perto de casa tem uma viela que o povo [consumidores de drogas] só fica lá. Tem uma hora que você não pode passar no meio [...]. Lá eles não perturbam. Eles têm um pouco mais de respeito. Aqui [perto da escola] tudo é mais exposto. Lá o pessoal respeita mais [...]. Tipo, na rua dele tem uma biqueira. Uma esquina sim e uma esquina não, tem gente vendendo drogas. A maioria é jovem [...]. Então, a coisa é vender droga. A gente passa na rua [...] vê um cara com um baseado na boca [...]. (Participantes da oficina 03)

Os jovens representam a escola pública que frequentam como uma instituição marginalizada, precária, com estereótipo negativo, que em suas opiniões, advém do fato de antigos estudantes praticarem delitos. Por outro lado, consideram a escola boa por ter professores comprometidos com o ensino, e dispor de recursos. As representações cotidianas sobre a escola são contraditórias, com forte influência ideológica, dado que há reconhecimento de que a escola pública vem sendo alvo de desmantelamento, mas persiste o discurso ideológico da necessidade de escolarização e qualificação para o trabalho. No decorrer da PAE, emergiram convicções sobre as escolas públicas: estas são marginalizadas por atenderem aos jovens da “classe social baixa”, e no caso dessa escola específica, por estar no espaço geossocial da periferia. Consideram que não têm chances de entrar na universidade ou de mudar sua realidade.

Tudo o que você fala [perguntam] você estuda aonde? [Respostas]. Ah, é uma escola maior maloca, maior zona, quem entra, entra burro e sai animal. Julgam muito a escola. É um estereótipo. E é uma escola boa. Não, não vê o lado bom da escola, só o negativo. É uma escola boa, mas às vezes o que estraga são os alunos. Quem faz a escola são os alunos. Isso aqui [colagem de um jovem branco, escrito acima: um em um milhão] são poucos jovens, mais existe. Só que como pode ver: um em um milhão de amigos. Tem poucos, tem pouquinho [...]. Isso aqui está representando os alunos nerds, dedicados [e] que fazem tudo quando vão à escola. Há professor que estudou aqui e fala que a escola era boa. O ensino da escola é bom. O professor [...] ele explica bem

a matéria, mas os alunos não se interessam. Não têm educação [...]. Por isso, tem este preconceito. Agora fala que a escola não é tão boa. Só que ela também já foi pior. (Participantes da oficina 02)

Os participantes salientaram que os transportes públicos coletivos são precários, quase ausentes nos finais de semana, e funcionam com lotação para além de sua capacidade. Consideram haver negligência do Estado para com os moradores da região e acreditam que o Estado almeja confiná-los. Ainda há os problemas como o trânsito na região, os faróis quebrados; a falta de calçadas, o que obriga os moradores a andarem nas ruas, na maioria das vezes, junto com os carros colocando a vida em perigo. Para os jovens, os problemas dos transportes públicos coletivos no bairro constituem descaso e omissão do Estado.

A rejeição social dos jovens da periferia é representada pela falta de investimento do Estado também no lazer. Para os jovens o estilo musical *funk* é o lazer que acolhe todos os jovens da periferia, pois os bailes são organizados nas ruas. Todavia, muitas vezes, os policiais aparecem nos bailes e agem com violência contra os jovens. Os jovens sentem-se impossibilitados de acessar a cultura também em outros espaços da cidade. O confinamento no espaço da periferia traz sentimentos de abandono e inferioridade.

Precisa de mais transporte público, [principalmente] dia de sábado e domingo. A falta de lazer, de acesso à arte, à cultura, de valorizar o skate, andar de bicicleta. Aqui só tem uma biblioteca e ela está com problema no sistema operacional. A gente não pode pegar livro. É necessária a comunicação com o próximo, grupos com a comunidade. [O funk]. Tem rejeição da sociedade porque vê lá as pessoas no baile funk curtindo. [Eles] vão dizer [que] esse é excluído da sociedade, mas mentira, eles é que são excluídos da sociedade porque não estão curtindo. [No] cotidiano o funk faz parte do nosso lazer. [Há baile funk no bairro nobre]. Tem sim, tem até na mídia, mas eles são diferentes. Eles não atrapalham ninguém. Eles vão em uma boate ouvir funk. O funk [...] fala da realidade da favela. (Participantes da oficina 10)

Os participantes destacaram as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, como é o caso dos hospitais, que não atendem à demanda da região, não contam com médicos, oferecem serviços de baixa qualidade; há falta de equipamentos médicos e demora no atendimento. Baseados na realidade cotidiana, os jovens consideram que os cuidados de saúde nas Unidades Básicas de Saúde são baseados na queixa e conduta, vigilância das doenças infecciosas e distribuição de preservativos; há atendimento prioritário para gestantes e crianças, e distribuição de medicamentos. Para as crianças a prioridade são as vacinas. São opiniões que refletem a vivência e indicam representações coerentes.

[...] nós temos um hospital e esse hospital não tem médicos e falta aparelhos. Aqui, como você pode ver no cartaz [uma enfermeira sentada ao lado de uma paciente na cadeira de rodas]; ao lado escreveram - Hospital de [nome do bairro]

não tem médicos e aparelhos necessário. O posto de saúde, não tem nada naquele posto de saúde. Lá só serve para pegar remédio, nenezinhos tomar vacina, eles atendem se for grávida, mas para gente, demora muito, mas para grávida e idoso não demora. [...] no posto de saúde a menina estava distribuindo camisinha [...]. (Participantes da oficina 09)

Os jovens esperam que o Estado garanta os direitos sociais dos indivíduos e promova a proteção social. Eles mostraram conhecer quatro maneiras de ter satisfeitas suas necessidades sociais: o trabalho, o trabalho mais o suporte do Estado, o tráfico de drogas e o roubo. Em suas convicções, são as necessidades sociais não satisfeitas pela via do trabalho a exploração do trabalho formal e a falta do trabalho que conduzem os jovens ao tráfico de drogas ou ao roubo. O tráfico de drogas é simplificado e naturalizado, sendo o que, ao lado do roubo, abre as portas para o mundo do consumo. Segundo os jovens, o governo deveria investir na região para aumentar o número de empregos, evitando os deslocamentos dos moradores cotidianamente, uma vez que há mão de obra e espaços disponíveis. Consideraram que a oferta dos serviços na região será melhor, os profissionais serão atraídos para lá e a educação ganhará qualidade, se o Estado intervier na realidade social, oferecendo serviços públicos de qualidade, melhorando as estruturas físicas, da escola e do hospital, comprando aparelhos e materiais necessários para os trabalhadores. São representações cotidianas contraditórias, dado que as necessidades são concretas, porém apresentam forte componente ideológico, dado que o Estado brasileiro historicamente não se apresenta para suprir a proteção social esperada.

Os participantes estão convictos de que os eleitores das regiões periféricas são manejados pelos políticos para obtenção de votos; de que há desvios de verbas públicas para benefícios particulares; de que as resoluções para satisfazer as necessidades sociais nunca são efetivadas, e são retomadas a cada eleição; de que os moradores se esquecem de que não obtiveram respostas para suas necessidades e votam novamente em prol da solução da pobreza, e assim, consecutivamente.

Em ano de eleição eles [os políticos] prometem tudo, Deus e o mundo [...]. Depois, cadê o que prometeu [...]. O escravo não podia ser livre, mas ele podia comprar a liberdade, coisa que hoje em dia não acontece. Você não pode estar comprando sua liberdade. [...] aqui tem pouco transporte. [...] aqui é onde tem mais habitantes. Eles [referindo aos responsáveis pelos transportes coletivos] tentam isolar. É [por] causa do governo. Quanto eles devem ganhar por dia? Vamos supor cem pessoas saindo daqui para pegar o trem por três reais por pessoa. Lucrou. O que eles fazem? Eles trazem mais drogas para cá [...]. (Participantes da oficina 06)

Discuti-se a inclusão das Instituições Não Governamentais (ONGs) e das Organizações Sociais (OS), para oferecer ações que seriam de responsabilidade pública. Eles mostraram naturalização e simplificação quanto às parcerias do Estado com instituições privadas, que em suas opiniões eram acionadas devido à precariedade dos serviços administrados pelo Estado, comparado com as supostas melhorias nas administrações

privadas. Os jovens expressaram também componentes contraditórios: ora as ONGs são necessárias porque respondem a algumas das necessidades sociais, ora são exploradoras e servem para regularizar o “círculo da pobreza”; ora o Estado deve ser o responsável por garantir os direitos sociais, ora o Estado é um ente não confiável e suas responsabilidades devem ser transferidas para empresas privadas.

Os participantes consideram importante participar dos movimentos sociais, mostrando que esse seria um caminho para ter resposta às necessidades, porém têm pouca vivência nesse sentido, à exceção da participação no Movimento Passe Livre pela diminuição da tarifa de ônibus, que se passou por toda a cidade.

Há necessidade da comunidade se juntar para fazer projetos igual a esse. [nome do bairro] está precisando de mais manifestações com as pessoas. As pessoas têm que se manifestar para reivindicar nossas necessidades. Nós vimos que somos capazes, com a passagem de trem quando aumentou vinte centavos. Fizemos manifestações e conseguimos ganhar. Do mesmo jeito que conseguimos diminuir o valor da passagem podemos fazer com várias outras coisas. O gigante acordou, mas ele voltou a dormir porque ninguém ligou. E sem isso tudo o final é isso: morte, destruição e a violência. (Participantes da oficina 03)

DISCUSSÃO

Os jovens estão convictos que os problemas que enfrentam no bairro, advêm das formas de reprodução social e do grupo a que suas famílias pertencem. Tais problemas são camuflados pela ideologia das oportunidades que o capitalismo oferece. Essa ideologia advoga que se o indivíduo quiser acessar lazer, cultura, saúde e educação, deve acessar o mercado e comprar. Um estudo realizado apreendeu que jovens das regiões mais periféricas começam a trabalhar cedo, o que gera a sensação de não ter vivenciado a juventude. Para estes jovens, da periferia, as finalidades do trabalho são: satisfazer necessidades sociais e socialização⁽¹³⁾.

O trabalho amenizaria o estereótipo de que ser pobre é ser criminoso e constitui caminho para evitar o roubo. Nesse sentido, os jovens deveriam buscar esforçar-se para vencer⁽¹³⁾. Todavia, na realidade de muitas periferias o trabalho mais próximo para os jovens é no tráfico de drogas e em função disso são tomados como traficantes, inimigos das sociedades, que por sua vez devem ser detidos. É nesse sentido que a guerra às drogas reproduz a criminalização da pobreza e o controle social⁽¹⁴⁾.

As estratégias de organização do espaço urbano propostas pelos jovens demonstram a existência de uma proposta de organização bem específica da periferia destinada ao circuito das drogas. Os jovens elaboraram critérios de distribuição do espaço baseados no objetivo de se protegerem das prováveis violências que giram em torno do consumo de drogas, principalmente, drogas ilícitas. Percebe-se que quando os jovens destacam os espaços territoriais específicos e livres para o consumo de drogas, solicitam outra maneira do Estado de lidar com o consumo de drogas, diferente da atual guerra às drogas.

O Brasil é signatário de todas as estratégias punitivas em relação à produção/circulação/consumo de drogas internacionais,

exemplo disso é o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD)⁽¹⁵⁾, que age nas escolas públicas alardeando estratégias proibicionistas. Ainda que os dados estatísticos salientem que o consumo de drogas não diminuiu, mesmo com as duras leis penais, o Brasil segue na linha proibicionista. Esta posição do Estado brasileiro tem levado muitos jovens pobres, negros e mulatos, como os deste espaço para a prisão⁽¹⁴⁾.

Os jovens denunciam as várias deficiências no bairro. Sabe-se que o Estado não assume nos espaços periféricos o conjunto de encargos sociais ou serviços públicos necessários à reprodução da vida social, como a saúde, a educação, a moradia, os transportes públicos e etc⁽¹⁶⁾. Com relação à saúde, especificamente, atribui-se a dificuldade de acesso dos jovens aos serviços de saúde privados ao fato de pertencerem a famílias que não podem pagar e aos serviços públicos as questões estruturais de funcionamento do SUS⁽¹⁷⁾.

Os jovens têm questionado o governo, a polícia, a escola e o próprio Estado, pela ausência ou escassez de direitos sociais ou de atendimento aos direitos sociais existentes. Esses questionamentos desestabilizam as regras e as normas institucionais aceitas pelas gerações anteriores, confrontando-as e salientando as contradições, e de alguma forma ameaçando a ordem estabelecida.

Os “rolezinhos” são formas atuais, que os jovens encontram para participarem socialmente, para considerarem-se presentes, e para buscarem outras formas de sociabilidade. Trata-se de um movimento social ligado ao estilo musical *funk* ostentação. Através dele os jovens proletários buscam desafiar as fronteiras de classe social e os espaços que ocupam na cidade. Todavia, os “rolezinhos” foram fortemente reprimidos pela polícia e considerados pela mídia oligopolista como “badernas”⁽⁹⁻¹⁸⁾. Essa repressão representa, para os jovens da periferia, a proibição do uso de espaços destinados aos jovens mais ricos, tratando-se, portanto, de um processo de apartação deliberado⁽⁹⁾.

Não se pode desconsiderar as linguagens trazidas pelos jovens para reivindicarem seus direitos e participação⁽⁵⁾. Percebe-se que o que está em pauta é a busca pelos jovens da ampliação de sua sociabilidade e da participação na riqueza social. Diante do quadro exposto, a perspectiva que se abre é a de promover educação que considere as práticas culturais dos jovens e as dificuldades de reprodução social, inerentes às frações de classe a que pertencem.

Limitações do estudo

A condução rigorosa da pesquisa-ação emancipatória depende em medida considerável do processo de decisões participativas na consecução das etapas, que instrumentalizam os participantes a promover mudanças nas práticas sociais. Limitações referidas ao contexto escolar favoreceram esse processo apenas parcialmente. Outra limitação do estudo diz respeito à categoria das representações cotidianas, pois técnicas grupais tendem a mascarar convicções, que são mais facilmente expostas através de entrevistas aprofundadas^(9,19). Pressupomos que a composição entre a convivência prolongada do grupo e o tratamento analítico do discurso - como um discurso grupal -, tenham sido suficientes para minimizar essa limitação, de forma a expor as convicções sobre a periferia.

Contribuições para a área da Enfermagem, Saúde Pública

O estudo resultou em contribuição efetiva de jovens da periferia para as áreas de comunicação e educação sobre drogas já que eles participaram contínua e ativamente do processo, legitimando os resultados obtidos. Essa contribuição se afasta das estratégias comumente utilizadas pela saúde pública que promovem mensagens na mídia sem a voz dos jovens e que desqualificam as percepções dos jovens sobre a realidade, os conduzem à percepção simplificada e distorcida do problema, e conseqüentemente ao desgaste. Dessa forma, reiteram a continuidade de representações ilusórias sobre a realidade. No sentido oposto, contribui com a comunicação e educação sobre drogas do campo da saúde coletiva, que busca expor a complexidade que cerca o fenômeno do consumo de drogas nas periferias das grandes cidades, com a finalidade de promover compreensão e ação potencializadoras do fortalecimento dos jovens. Dessa forma, impulsionam representações congruentes e complexas sobre a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere às divisões do espaço periférico, os jovens mostram formular representações contraditórias. Observa-se que as divisões propostas teriam a função de proteger o distribuidor, o consumidor de drogas e também os moradores que não se relacionam com o narcotráfico; seriam divisões necessárias na realidade violenta das periferias. Mas há também nessa perspectiva por eles apresentada algum componente ideológico, proveniente da abordagem dominante de guerra às drogas.

Em relação à polícia, os jovens expõem representações cotidianas, que também refletem o cotidiano nas periferias, mas que não apresentam os elementos necessários para compreender que exercer o controle social é na verdade uma das tarefas da polícia. Já em relação ao tráfico de drogas, os jovens têm opiniões contraditórias, e isso pode ser explicado porque a exploração da pobreza pelo narcotráfico é ao mesmo tempo a oferta de trabalho na região.

As representações sobre a escola também apresentam contradições, dado o forte componente ideológico, pois embora a escola pública seja concretamente alvo de desmantelamento, persiste o discurso ideológico de necessidade de escolarização e qualificação para o trabalho. Em relação aos transportes públicos coletivos, os jovens consideram haver negligência do Estado para com os moradores da região e acreditam que o Estado almeja confiná-los, o que consiste com representações cotidianas coerentes, já que de fato suas possibilidades de deixar o bairro são limitadas.

Em relação à realidade de saúde na região, os jovens expressaram representações cotidianas coerentes também, já que identificaram limitações bastante conhecidas na literatura que analisa o SUS. Expressaram que o Estado não é confiável e suas responsabilidades deveriam ser transferidas para empresas privadas. Porém contraditoriamente, esperam que o Estado garanta os direitos sociais dos indivíduos, e promova a proteção social, o que demonstra representações cotidianas contraditórias, pois são coerentes com as necessidades concretas, porém contaminadas por forte influência ideológica, pois o Estado não se apresenta concretamente para suprir a proteção social esperada, mas responde às forças sociais em disputa.

A elaboração das pautas para os programas midiáticos de educação sobre drogas beneficiou-se da participação dos jovens. O processo educativo, porém, merece aprofundamento para além da compreensão do papel do Estado, dado que o direito à cidadania apenas inicia o debate sobre os mecanismos da desigualdade e das transformações necessárias à igualdade social. O estudo revelou que a comunicação mais eficaz para alcançar os jovens da periferia é efetivada por meio de práticas culturais por eles valorizadas, que podem fornecer meios para fundamentar a discussão, para além do Estado e dos direitos sociais, e consubstanciar participação efetiva nos movimentos que incidem sobre as contradições capitalistas estruturais e não apenas superestruturais.

REFERÊNCIAS

1. Terry-McElrath YM, Emery S, Szczycka G, Johnston LD. Potential exposure to anti-drug advertising and drug-related attitudes, beliefs, and behaviors among United States youth, 1995-2006. *Addict Behav* [Internet]. 2011[cited 2015 Jan 21];36(1-2):116-24. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2981687/>
2. Jones RH. Mediated addiction: The drug discourses of Hong Kong youth: health, risk & society [Internet]. 2005[cited 2015 May 20];7(1):25-45. Available from: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13698570500042306>
3. Pinkleton BE, Austin EW, Van de Vord R. The role of realism, similarity, and expectancies in adolescents' interpretation of abuse-prevention messages. *Health Commun* [Internet]. 2010[cited 2015 Sep 20];25(3):258-65. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20461611>
4. Soole DW, Mazerolle L, Rombouts S. School-Based Drug Prevention Programs: A Review of What Works. *Aust N Z J Criminol* [Internet]. 2008[cited 2015 Jun 15];41(2):259-86. Available from: <http://anj.sagepub.com/content/41/2/259.full.pdf+html>
5. Pereira AB. – Other Rhythms in Schools on the Outskirts of São Paulo. *Educ Real* [Internet]. 2016[cited 2016 Feb 28];41(1):217-37. Available from: http://www.scielo.br/pdf/edreal/v41n1/en_2175-6236-edreal-41-01-00217.pdf
6. Belenko S, Dugosh KL, Lynch K, Mericle AA, Pich M, Forman RF. Online illegal drug use information: an exploratory analysis of drug-related website viewing by adolescents. *J Health Commun* [Internet]. 2009[cited 2015 May 20];14(7):612-30. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19851914>
7. Soares CB, Campos CMS, Yonekura T. Marxismo como referencial teórico-metodológico em saúde coletiva: implicações

- para a revisão sistemática e síntese de evidências. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2013[cited 2015 Dec 20];47(6):1403-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reesp/v47n6/0080-6234-reesp-47-6-01403.pdf>
8. Soares CB, Cordeiro L, Campos CMS. Pesquisa-ação emancipatória: Uma proposta metodológica essencial para a enfermagem. In: Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. 2013; 17 jun 3-5. Anais. Natal: Associação Brasileira de Enfermagem – Seção Rio Grande do Norte, 2013. p.A171-789. Available from: http://www.abeneventos.com.br/anais_senpe/17senpe/pdf/9026me.pdf
 9. Oliveira E, Souza GC, Soares CB. Pesquisa-ação: oficinas emancipatórias como instrumento para coleta de dados e apreensão das representações cotidianas. *Sociol Rede* [Internet]. 2015[cited 2015 Jul 13];5(5):12-26. Available from: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2soares5/254>
 10. Oliveira E, Soares CB, Silva JA. Pesquisa-ação emancipatória com jovens escolares: relato de experiência. *Rev Gaúcha Enferm* [Internet]. 2016[cited 2015 May 11];37(3):e62059. Available from: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchaDeEnfermagem/article/viewFile/62059/38087>
 11. Lachtim SAF, Pasquim HM, Soares CB. Representações cotidianas: proposta de superação da “Análise de Conteúdo”, a partir da Dialética Marxista. *Sociol Rede* [Internet]. 2015[cited 2015 Jul 13];5(5):3-11. Available from: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/1soares5/253>
 12. Viana N. A pesquisa em representações cotidianas. Lisboa: Chiado; 2015.
 13. Lachtim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? *Trab Educ Saúde* [Internet]. 2011[cited 2015 Oct 20];9(2):277-93. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v9n2/07.pdf>
 14. Programa Educacional de Resistência às Drogas. Available from: <http://www.proerdbrasil.com.br/oproerd/oprograma.htm>
 15. Boiteux L. El antimodelo brasileño: prohibicionismo, encarcelamiento y selectividad penal frente al tráfico de droga. *Nueva Soc* [Internet]. 2015[cited 2015 May 20];(255):132-44. Available from: <http://nuso.org/articulo/el-antimodelo-brasileno-prohibicionismo-encarcelamiento-y-selectividad-penal-frente-al-trafico-de-drogas/>
 16. Campos CMS, Mishima SM. Necessidades de saúde pela voz da sociedade civil e do Estado. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2005[cited 2016 Aug 19];21(4):1260-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n4/29.pdf> DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000400029>
 17. Mendes A. Direito como instrumento de efetivação (ou não) do direito à saúde no Brasil - cenário dos desafios ao direito à saúde universal brasileira. *Rev Direito Sanit* [Internet]. 2013[cited 2015 May 20];14(2):113-8. Available from: <http://www.revistas.usp.br/rdisan/article/view/63994>
 18. França V, Dornelas R. No Bonde da Ostentação: o que os “rolezinhos” estão dizendo sobre os valores e a sociabilidade da juventude brasileira? *Rev ECO-Pós* [Internet]. 2014[cited 2015 May 20];17(3):1-13. Available from: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1384/2531
 19. Soares CB, Santos VE, Campos CMS, Lachtim SAF, Campos FC. Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011[cited 2016 Aug 19];45(spe2):1753-7. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reesp/v45nspe2/en_20.pdf